

Almada Negreiros em Concerto

Orquestra Gulbenkian
Nuno Coelho

23 MARÇO 2017



gulbenkian.pt/musica

23 DE MARÇO
QUINTA

20.00 — *Auditório 3*

Entrada Livre

Conhecer uma obra — Guia de audição

Histórias de colaboração entre artistas –

Os bailados e a *lanterna mágica* de Almada Negreiros

por **Mariana Pinto dos Santos**

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



VEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



Joaquim há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Almada Negreiros em Concerto

23 DE MARÇO
QUINTA

21:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro

Salvador Bacarisse

La tragedia de Doña Ajada, suite op. 7

Com a projeção de desenhos de Almada Negreiros

Introdución: Maestoso

El tocado: Allegro non troppo

El crimen de las furias: Allegretto vivace

Alma en pena: Lento

Mañana de bodas: Maestoso

Darius Milhaud

Le Boeuf sur le toit, op. 58

Com a projeção do filme *The Pawnshop*
de Charles Chaplin (versão reduzida)

Erik Satie

Parade

Com projeção de desenhos recortados
de Maria João Worm

Duração total prevista: c. 1h 10 min.

Concerto sem intervalo

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

1



Ferriz

2



Ferriz

3



Ferriz

4



Ferriz

5



Ferriz

6



Ferriz

Histórias de Colaboração entre Artistas

La Tragedia de Doña Ajada, 1929 Salvador Bacarisse e Almada Negreiros

Em 1929, José de Almada Negreiros (1893-1970), então a residir e a trabalhar em Madrid, colaborou com o compositor madrileño Salvador Bacarisse (1898-1963) na peça musical *La Tragedia de Doña Ajada*. Bacarisse foi membro destacado do *Grupo de los Ocho*, formado na esteira do grupo francês *Les Six*, e com propósitos semelhantes de modernizar a música clássica, abrindo-a a influências populares, ao jazz e à música atonal. *La Tragedia de Doña Ajada* apresentou-se como uma obra múltipla: “poema bufo siniestro para canto, recitación, linterna mágica y gran orquesta” (*La Época*, 2-12-1929). A música era de Bacarisse, o libreto era de Manuel Abril (1884-1943) e a “lanterna mágica” de Almada Negreiros. Almada concebeu seis quadros de recortes, colagem e desenho para serem projectados a cada andamento, que acompanhariam a história recitada pelo narrador Carlos del Pozo e cantada por uma soprano, Pilar Duarmig. O espectáculo causou estranheza no público, mas foi bem recebido pelos críticos, que elogiaram a proposta musical audaz, moderna e humorística. Manuel Abril, além de poeta, era autor de histórias infantis e satíricas e o seu libreto, entretanto desaparecido, teria um carácter de farsa que correspondia à música e aos desenhos de Almada. A obra completa está hoje perdida, mas Salvador Bacarisse fez a partir dela uma suite, que mantém a estrutura principal e os andamentos correspondentes a quatro dos quadros de Almada.¹

Apresentada uma única vez em 29 de Novembro de 1929 no Palacio de la Música em Madrid, *La Tragedia de Doña Ajada* não mais foi levada à cena desde então. A sala onde estreou fora concebida para concertos, mas a partir de 1928 passou também a ter um écran e a exibir filmes, oferecendo a possibilidade de projectar cinema mudo com acompanhamento orquestral. Era essa dupla função que permitia mostrar o trabalho composto de Bacarisse, Abril e Almada, conjugando música, palavra e imagem. A componente de imagem, dada através de um dispositivo anterior ao cinematógrafo, assumia um travo anacrónico que não podia senão reforçar a nota de humor com que se apresentava esta obra no momento em que o cinema mudo dava lugar ao sonoro. Partindo de um imaginário aparentemente infantil, os desenhos de Almada contam uma história macabra e burlesca, com as figuras exageradas em posições caricatas, terminando com a imagem de um baile de bruxas e almas penadas. Podia ser talvez uma glosa do poema de Lope de Vega *La Gatomaquia* (1634), sátira de uma epopeia clássica em que as personagens principais eram gatos que se batiam pelo amor de uma gata (até um deles morrer). Contudo, nesta versão a gata parece ser antes uma bruxa, Doña Ajada.² As obras originais que Almada concebeu para a música de Bacarisse podem ser vistas até 5 de Junho na exposição *José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno*. Já depois da abertura da exposição foram descobertas fotografias em placas de vidro dos quadros de Almada, o que permitiu concluir que a projecção de 1929

Na página anterior: Fotografias em placas de vidro colorido à mão de *La Tragedia de Doña Ajada*, desenhos recortados de Almada Negreiros para lanterna mágica, 1929 (1. *El tocado*; 2. *Pasa el galán*; 3. *Mañana de bodas*; 4. *La luna rota*; 5. *El crimen de las furias*; 6. *Alma en pena*). Coleção particular.



ALMADA

se fez realmente com um aparelho de lanterna mágica. Cinco dessas placas de vidro foram pintadas a roxo, amarelo, vermelho e verde, o que na projecção teria como resultado a criação de ambientes diferentes conforme a cena representada. A última, *Alma en pena*, foi deixada a preto e branco, a ausência de cor a reforçar a dança de almas penadas representada. Neste concerto, reconstitui-se a ligação entre a música de Bacarisse e a lanterna mágica que Almada fez para a acompanhar, com a projecção dos desenhos originais, um deles colorido por Almada. Os desenhos recortados aliam a linguagem gráfica e sintética do desenho humorístico e da narrativa gráfica com o teatro de silhuetas, que a cineasta alemã Lotte Reiniger reinventou nos anos de 1920 para o cinema de animação. As silhuetas de Almada não o são verdadeiramente, pois o artista desenhou por cima delas, acrescentando ao dramático contraste a preto e branco elementos que complexificam a representação, com o desenho a entrar pelos recortes ou com a cartolina preta a dar lugar à grafite. Daí resulta um novo contraste entre distância e proximidade, acrescentando às silhuetas a ilusão de profundidade sem que se perca a forte presença bidimensional dos corpos negros em primeiro plano.

***Le Bœuf sur le toit*, 1920 Darius Milhaud e Charles Chaplin**

Darius Milhaud (1892-1974) foi um dos membros do grupo *Les Six*, que com Jean Cocteau (1889-1963) como patrono e sob a égide de Erik Satie, defendia uma música anti-romântica, anti-impressionista e aberta ao jazz. *Le Bœuf sur le toit* foi um *ballet* composto em 1920 que contou com argumento de Cocteau, figurinos de Guy

de Fauconnet, depois terminados por Raoul Dufy, e a colaboração de Erik Satie no programa. De narrativa estilhaçada, o bailado de Cocteau consistia numa pantomima interpretada por saltimbancos e acrobatas em vez de bailarinos – os irmãos Fratellini do circo Médrano – numa coreografia propositadamente lenta para contrastar com o ritmo acelerado da composição. A música combina sonoridades do tango e samba que Milhaud trouxera de uma marcante viagem ao Brasil, e tinha inicialmente sido composta para violino e piano com a finalidade de poder acompanhar um filme mudo de Charles Chaplin. O seu primeiro título fora por isso “Cinéma-Fantaisie”. Para a apresentação na Fundação Calouste Gulbenkian, foi escolhido o filme *The Pawnshop*,³ de 1916, que será exibido com *Le Bœuf sur le toit* recordando essa sua primeira intenção. Charlot foi figura central para Almada Negreiros, síntese que era de todo o saltimbanco, e que a ele dedica um texto em 1921, escrevendo: “Charlot é o único símbolo vivo de cada um de nós que eu conheço [...]. Ele faz exactamente o que cada um de nós faz, é assim que se faz, mas ele faz o que todos fazem de uma maneira só, inimitável. [...] Todos os nossos instantes de humanos estão assinados por Charlot em cinematografia com a mesma mímica pública e íntima por onde passam infalivelmente os que ganham e os que perdem” (“Charles Chaplin”, *Diário de Lisboa*, 11 de Maio de 1921). *Le Bœuf sur le toit* daria nome a um restaurante parisiense onde conviviam Cocteau, Milhaud, Satie, Max Jacob, entre outros artistas. Almada cruzou-se com vários deles na capital francesa no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, em 1919 e 1920, e embora não se saiba se conheceu esta peça musical, ela representa o encontro de várias das suas referências – a dança, Cocteau, o humor, saltimbancos, Chaplin – e é um exemplo da colaboração entre artistas tão cara a Almada.

Na página anterior: *Charlot*, por Almada Negreiros, baixo-relevo para fachada do Cine San Carlos, Madrid, 1929 (arquitecto Eduardo Lozano Lardet), obra quebrada e deteriorada, fotografia colecção Isabel Alves e Ernesto de Sousa.



Parade, desenhos recortados de Maria João Worm, 2017.

***Parade*, 1917** **Erik Satie e Maria João Worm**

A primeira apresentação de *Parade*, bailado de Erik Satie (1866-1925) para os Ballets Russes que causou forte escândalo em Paris, cumpre este ano 100 anos. Também há 100 anos, em Outubro de 1917, Almada Negreiros escrevia o manifesto *Os Bailados Russos em Lisboa*, invectivando o público a assistir e a aprender com a companhia de Diaghilev que chegaria a Lisboa para a apresentação no Coliseu dos Recreios e no Teatro Nacional de São Carlos de catorze dos bailados que tinha em carteira.

Embora *Parade* não fosse representado em Lisboa, Diaghilev terá oferecido a Almada o programa da temporada de Maio em Paris dos Ballets Russes, onde a peça de Satie merecia destaque. Almada guardou para sempre o documento, e nele pôde ler um texto de Guillaume Apollinaire que enaltecia *Parade* como fruto da colaboração inédita entre artistas: da dança coreografada por Léonide Massine com a música de Erik Satie, os figurinos de Picasso e o argumento de Jean Cocteau. Aí mesmo nesse texto, “*Parade et l’Esprit nouveau*”, usava a palavra recém-inventada por si, “*surréalisme*”, para demonstrar a profunda ruptura anti-narrativa e anti-naturalista que esse bailado significava.

Promotor de *ballets* para os quais desenhava figurinos e coreografias, Almada assumiu-se com papel análogo ao de Diaghilev na defesa do que considerava a verdadeira “compreensão feliz da Arte Moderna”: a produção de um espectáculo total que interligasse a obra de pintores, músicos, bailarinos e escritores. Mesmo não tendo visto *Parade* em 1917, esta foi uma das obras mais marcantes para Almada, dela se apercebendo por via dos figurinos de Picasso reproduzidos a cores no programa e pelo texto fundador de Apollinaire. Os bailados que então prepara com figurinos minuciosamente desenhados, e que discute com Diaghilev ao longo dos quatro meses que o russo permanece em Lisboa com a sua companhia, são fruto dessa comunhão que sentira quer com as peças que vira dançadas no Teatro Nacional de

São Carlos e no Coliseu dos Recreios, quer com as propostas de Sonia Delaunay, com quem planeara também “*ballets simultanistes*” e “*poèmes en couleurs*” durante a permanência da artista em Portugal em 1915 e 1916 (por ela anunciados num catálogo, mas nunca concretizados).⁴ Em 1919 o artista português, por ocasião da sua estada de um ano em França, conhecerá Erik Satie e verá de novo os Ballets Russes nos palcos de Paris.

A artista Maria João Worm (n. 1966) concebeu uma série de desenhos recortados e animados que ilustram tanto *Parade*, quanto a estreita ligação que Almada estabeleceu com esta obra de Satie, e ainda o seu trabalho de silhuetas para a composição de Bacarisse e os diálogos que criou entre música, cinema e desenho. Contam uma história com imagens, numa linguagem que remete para o lúdico, o circo, o riso e o olhar da infância, e ao mesmo tempo comenta a arte enquanto espectáculo, tal como a entendia Almada, da visão fazendo o centro de toda a criação.

MARIANA PINTO DOS SANTOS

Agradecimentos: Rita Almada Negreiros, Catarina Almada Negreiros, Maria José Almada Negreiros, Salvador Bacarisse, Jennifer Bacarisse, Madalena Ferrão, Cátia Mourão.

1. Partitura guardada nos arquivos da Fundación Juan March.

2. Sobre *La Tragedia de Doña Ajada* o estudo mais exaustivo é de Fátima Bethencourt Pérez, “La Tragedia de Doña Ajada: un poema burlesco para linterna mágica em los albores del cine sonoro en España” in *Música y cultura en la Edad de Plata 1915-1939* (ed. María Nagore, Leticia de Andrés, Elena Torres), Madrid, ICCMU, 2009.

3. *The Pawnshop*, 1916. Realização: Charles Chaplin, Produção: Lone Star Corp., Actores: Charles Chaplin, Henry Bergman, Edna Purviance e John Rand, © Lobster Films, 2013.

4. Catálogo da exposição individual de Sonia Delaunay na Nya Konstgalleriet, Estocolmo, Março de 1916. Cf. Paulo Ferreira, *Correspondance de quatre artistes portugais Almada-Negreiros, José Pacheco, Souza-Cardoso, Eduardo Vianna avec Robert et Sonia Delaunay*, Paris: PUF, 1981.

Por vontade da autora, o presente texto não segue as normas do novo Acordo Ortográfico

Nuno Coelho

Maestro



NUNO COELHO © DR

Nuno Coelho é o maestro assistente da Orquestra Filarmónica da Holanda, colaborando com o maestro principal Marc Albrecht nos concertos sinfónicos e na Ópera de Amesterdão. Na presente temporada dirige a orquestra em concertos no Concertgebouw e na Cellobiennale e dirige a Orquestra de Câmara da Holanda em colaboração com o violinista Gordan Nikolić. Em 2016 foi selecionado para a *Conducting Fellowship* do Festival do Tanglewood Music Center, onde trabalhou com a orquestra do festival e assistiu os maestros convidados (Andris Nelsons, Charles Dutoit, Christoph von Dohnányi) nos concertos com a Orquestra Sinfónica de Boston.

Em 2015 foi um dos recipientes do Prémio Neeme-Järvi, atribuído pelo Festival Menuhin de Gstaad e foi convidado a dirigir a Orquestra de Câmara de Basileia. No mesmo ano foi aceite no *Dirigentenforum*, uma plataforma de formação e promoção de jovens maestros na Alemanha. Fundou a Phoenix Chamber Orchestra com estudantes de ambos os Conservatórios de Bruxelas, conjugando no mesmo concerto obras desde o Barroco até à música contemporânea

em diversas formações. Dirigiu a ópera *La Traviata* na Ópera de Teplice (República Checa) e *Cavalleria Rusticana* na Ópera de Pilsen. Nuno Coelho nasceu no Porto em 1989. Começou a tocar violino aos nove anos de idade, com João Paz e Pedro Fesch, ingressando mais tarde no Conservatório de Música do Porto, onde estudou com Andrea Moreira. Completou estudos superiores em Klagenfurt, na Áustria, e mais tarde no Conservatório Real de Bruxelas com Yuzuko Horigome. Como solista, atuou com a Orquestra de Jovens de Antuérpia, a Orquestra Sinfónica da Caríntia e, por diversas vezes, com a Orquestra de Câmara de Klagenfurt, tendo interpretado obras de Prokofiev, Ravel, J. S. Bach, Elgar e Pärt. Colaborou regularmente com orquestras profissionais na Áustria e na Bélgica, tendo atuado em diversas salas na Europa e no Japão. Atualmente estuda direção de orquestra na Universidade das Artes de Zurique com Johannes Schlaefli. Participou em *master-classes* de Bernard Haitink, Esa-Pekka Salonen, Neeme Järvi e Gennady Rozhdestvensky. É bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian desde 2014.

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Na temporada 2012-2013, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) celebrou 50 anos de atividade, período ao longo do qual foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório, desde o Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora

interior. Em cada temporada, a orquestra realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música (maestros e solistas). Atuando igualmente em diversas localidades do país, tem cumprido desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian tem vindo a ampliar gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Susanna Mälkki é a Maestrina Convidada Principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os Maestros Convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é Maestro Honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado Maestro Emérito.

Orquestra Gulbenkian

Susanna Mälkki Maestrina Convidada Principal

Joana Carneiro Maestrina Convidada

Pedro Neves Maestro Convidado

Lawrence Foster Maestro Emérito

Claudio Scimone Maestro Honorário

PRIMEIROS VIOLINOS

Josefine Dalsgaard *Concertino Principal* *
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
António Veiga Lopes
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Manuel Abecasis *
Catarina Barreiros *
Rui Fernandes *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Maria Leonor Moreira
Stephanie Abson
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Félix Duarte *
Miguel Simões *
Eurico Cardoso *
Victória Valdes *

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
André Cameron
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Augusta Romaskeviciute *
Catarina Silva *
Nuno Soares *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo *
Catarina Gonçalves *

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Manuel Rêgo *1º Solista*
Maja Plüdemann *2º Solista*
Marine Triolet
Romeu Santos *

FLAUTAS

Sophie Perrier *1º Solista*
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
 Corne inglês
Sofia Brito *2º Solista* *

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
 Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
José Coronado *2º Solista*
 Contrafagote
Rafaela Oliveira *2º Solista* *

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade
2º Solista

TROMPETES

Stephen Mason *1º Solista*
Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar* *
David Burt *2º Solista*
Hugo Santos *2º Solista* *

TROMBONES

Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
José Gato *2º Solista* *

TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*
Renato Peneda *1º Solista* *

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*
Rodrigo Azevedo *2º Solista* *
João Ramalho *2º Solista* *
Miguel Herrera *2º Solista* *

HARPA

Coral Tinoco Rodriguez *1º Solista* *

* instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Andrade
Inês Rosário
Leonor Azêdo

30 + 31 Março
QUINTA, 21:00 / SEXTA, 19:00

Concertos de Brahms

**Orquestra
Gulbenkian**

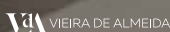


GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



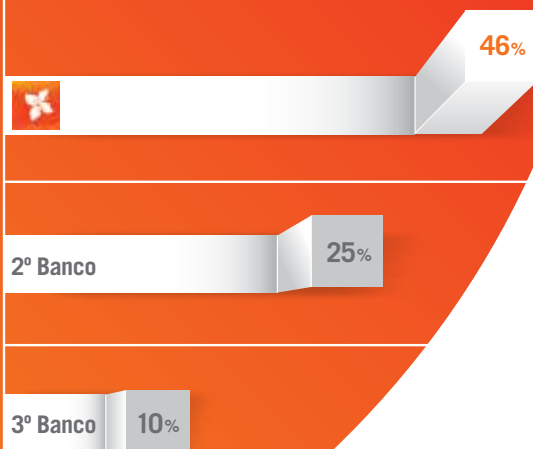
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Março 2017

